



PALCO

JUIZ DE FORA, JUNHO, 2009. ANO II Nº 07

FESTIVAIS ARENA DA MÚSICA BRASILEIRA

"Dei um aperto de saudade no meu tamborim / Molhei o pano da cuica com as minhas lágrimas/ Dei meu tempo de espera para a marcação e cantei/ A minha vida na avenida sem empolgação". Composta por Armando Fernandes Aguiar, o Mamão, e defendida por Clara Nunes no 5º Festival de Música Popular Brasileira, no Cine-Theatro Central, em 1972, *Tristeza pé no chão* é uma das canções reveladas nos festivais de Juiz de Fora que alcançaram êxito nacional.

Ainda no início da carreira e sem ter lançado discos importantes, a cantora em ascensão consagraria *Tristeza pé no chão* em um compacto simples que vendeu mais de cem mil cópias e seria um de seus maiores sucessos. Outro grande momento foi a vitória de Zé Rodrix na edição de 1971 com a música *Casa no campo*. A canção que o compositor – falecido em maio – idealizou ao lado de Tavito, ganhou as rádios da época na voz de Elis Regina e é uma das canções memoráveis da música no país.

da primeira edição em Juiz de Fora. Ao Palco, Milton reafirmou a importância desse tipo de realização para o sucesso de sua carreira. "Eu apareci pela primeira vez, em 1967, no Festival Internacional da Canção, onde passei de um ilustre desconhecido a um respeitado músico de Minas Gerais. Muitas pessoas foram reveladas nos festivais, e o Cine-Theatro Central era um dos melhores palcos."

O primeiro festival teve duas fases. Uma divisão de acesso foi proposta aos compositores juiz-foranos, considerados imaturos para se nivelarem aos artistas nacionais convidados. Uma orquestra, contratada pelos organizadores, cuidava dos arranjos e acompanhava os intérpretes nos ensaios realizados durante o dia e nas apresentações da noite. As transmissões ficaram a cargo da TV Tupi, da TV Excelsior e da TV Itacolomi, de Belo Horizonte. Diante do sucesso, a Prefeitura decidiu institucionalizar o evento e colocá-lo no calendário oficial de



NESTA EDIÇÃO

CINEMA
PRODUÇÃO REGIONAL
EM CIRCULAÇÃO
E DEBATE

PERFIL
70 ANOS DE
JOÃOZINHO DA
PERCUSSÃO

MEMÓRIA
OS ANOS DOURADOS
DO RÁDIO

ENTREVISTA
MARCOS PIMENTEL

MAMM
GRAFITE COMO
OBRA DE ARTE

CENTRAL 80 ANOS
O MELHOR DO
TEATRO DE BONECOS

Na década de 60, a música brasileira revelou grandes compositores e intérpretes através de festivais de música como os promovidos pela TV Excelsior e TV Record, em São Paulo, e o Festival Internacional da Canção, no Rio de Janeiro. O palco era uma arena com disputas acirradas, que dividiam o Brasil em torcidas por seus favoritos. Juiz de Fora entrou no clima dos festivais em 1968, ano da primeira edição do Festival de Música Popular Brasileira. Paulinho da Viola, Roberto Menescal, Ivan Lins, Beth Carvalho, Ronaldo Bôscoli e Gonzaguinha foram alguns nomes que marcaram presença durante os seis edições dos festivais realizados até 1973.

"Por que não um festival em JF, nos moldes do Festival Internacional da Canção, que atraía, já há dois anos, as atenções do país?" Foi a pergunta que se fez João Medeiros Filho, idealizador da primeira edição e um dos autores do livro *História recente da música popular em Juiz de Fora* (1977). Após conversar sobre a aventura musical com o secretário da Prefeitura, Mauro Durante, o projeto foi levado ao secretário municipal de Educação e Cultura, Murílio Hingel, e ao prefeito Itamar Franco, que nomeou um Grupo de Trabalho para as atividades, presidido por Hingel até 1972.

Segundo Hingel, o festival de MPB de Juiz de Fora nasceu foi e antecipado pelos festivais estudantis de música, que mobilizavam, entre outros, alunos da Academia de Comércio e do Colégio João XXIII. "O movimento estudantil em Juiz de Fora era muito intenso. A efervescência cultural na cidade era enorme, e a Prefeitura foi a responsável por canalizar essa agitação", ressalta.

Entre os artistas revelados pelos festivais, Milton Nascimento foi um desses novos talentos que participaram

aniversário da cidade.

O Cine-Theatro Central foi o principal palco das apresentações. Em 1970, porém, o Grupo de Trabalho decidiu levar o festival para o Ginásio do Sport – medida que pretendia torná-lo mais acessível ao grande público, aumentando o número de ingressos à venda e diminuindo o valor da entrada. A proposta fracassou diante da falta de estrutura e acústica do novo local, e o festival retornou ao palco do Central.

Em Juiz de Fora, como nos grandes centros, o público era formado, em sua maioria, por estudantes universitários que valorizavam as músicas de tom político e ideológico – em anos de ditadura e repressão, os festivais abrigaram canções de protesto. Responsáveis por conferir notoriedade a uma das gerações mais vigorosas da MPB, os festivais foram essenciais para o intercâmbio entre Juiz de Fora e outros centros culturais. Para o compositor juiz-forano Mamão, o festival funcionava como uma vitrine: "Era nossa oportunidade de mostrar a cara, de ficar conhecido do público."

"A cidade ficava tomada durante uma semana. Conhecíamos nossos ídolos e fazíamos amizades. A gente via todo tipo de instrumento na rua: eram momentos tomados por festas e virada de noites", relembra Mamão. Quatro décadas depois, a memória daqueles que participaram ativamente da produção cultural de Juiz de Fora ainda sonha resgatar a experiência daquela época: "Gostaria de ver a cidade produzindo outros festivais, para que essa rapaziada nova pudesse sentir a mesma emoção que eu senti", revela Mamão.



CINEMA A CIDADE NO CIRCUITO NACIONAL

Na década de 1960, Juiz de Fora foi palco de duas edições do Festival do Cinema Brasileiro. Naquele momento, a intenção foi trazer para a cidade quem produzia filmes no país. Alguns nomes consagrados, e outros que ainda se tornariam conhecidos nacionalmente, participaram do evento. De lá para cá, o cinema mudou e também os seus modelos de produção. Juiz de Fora ficou durante mais de 30 anos sem festivais.

Em 2002, aconteceu a edição inaugural do Primeiro Plano – Festival de Cinema de Juiz de Fora, destinado a mostrar as produções em curta-metragem de realizadores estreantes de todo o país. A cidade voltava ao cenário nacional do audiovisual, e abria-se um novo espaço, voltado para a exibição de realizações locais e regionais em vídeo. A questão passava a ser não tanto trazer nomes famosos para a cidade, de diretores ou estrelas de cinema – apesar disso também acontecer, já que estiveram por aqui realizadores, produtores e atores de renome nacional e até internacional. O comprometimento maior passou a ser com os iniciantes na função de direção. Vários diretores estiveram na cidade desde então, mostrando seus trabalhos de estreia.

A ideia da realização do festival também esteve sempre atrelada à divulgação de produtos feitos na cidade, tanto na área de cinema quanto na de vídeo. Com a maior participação do *Luzes da Cidade* – Grupo de Cinéfilos e Produtores Culturais, há uma clara intenção de associar o evento à questão da exibição de obras locais e também de discussão da produção feita na região. As sessões destinadas a esse tipo de produção têm um grande apelo de público, já que é uma forma de se ver trabalhos que têm pouca oportunidade de circulação fora dos centros de estudo e das universidades. É o momento também de os realizadores de Juiz de Fora e região mostrarem a sua cara e trocarem experiências com aqueles que produzem em outros pontos do país. Essas obras de acesso mais restrito podem ser vistas por um público que quer também se ver nas telas – sua

cidade, sua gente, seus costumes.

Para reforçar as possibilidades de troca, a oferta de oficinas ligadas à produção audiovisual teve início logo na primeira edição do festival, tendo seu número ampliado ao longo dos anos. Depois vieram as sessões exclusivas com produções de diretores locais, que não são mais estreantes em película e já têm um trabalho reconhecido em vídeo. Nos últimos anos, o espaço para a discussão foi acrescido pela criação de um encontro internacional de audiovisual e pela inclusão do festival no circuito das Mercocidades, do qual Juiz de Fora faz parte. No ano passado, as produções premiadas no Primeiro Plano foram exibidas, por conta desta inclusão, em Buenos Aires, na Argentina, inaugurando a fase itinerante do festival.

Em 2007, a Universidade Federal de Juiz de Fora, por meio de sua Pró-Reitoria de Cultura, anunciou a criação de um prêmio de incentivo aos realizadores no valor de R\$ 5 mil. Na última edição do evento, este prêmio foi entregue ao melhor trabalho da Mostra Competitiva Regional, de caráter universitário, e está sendo utilizado na produção de uma nova obra audiovisual, que conta com o apoio dos realizadores do festival e de seus parceiros. O trabalho será exibido pela primeira vez no Primeiro Plano deste ano.

É possível, então, dizer que a produção da região está tendo um novo tipo de apoio, com clara disposição de se produzir novas obras e de incentivar sua circulação, por meio do circuito dos festivais nacionais e dos projetos de mostras estrangeiras do Primeiro Plano – Festival de Cinema de Juiz de Fora e Mercocidades.

Carlos Pernisa Júnior

Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, jornalista e membro do *Luzes da Cidade* – Grupo de Cinéfilos e Produtores Culturais.

PERFIL JOÃOZINHO DA PERCUSSÃO

Ao segurar o bebê pelos pés, de pontacabeça, o obstetra perguntou à mãe. "Dona Judith, o que você deseja para o seu filho?" A mãe não titubeou: "Quero que ele seja músico!", afirmou, para espanto do médico.

Joãozinho da Percussão conta esta história com lágrimas nos olhos. As palavras de sua mãe na sala de parto da Santa Casa não poderiam ser mais proféticas. Com mais de meio século de carreira, João Baptista Pereira comemora 70 anos de vida, no próximo 24 de junho, e 50 anos de carreira com um show no Cine-Theatro Central no dia 25 do mesmo mês, pelo Projeto Sérgio Lessa. A participação em discos memoráveis, o convívio com os nomes famosos da MPB, os convites para trabalhar em vários países – nada disso tirou-lhe a simplicidade e a firme decisão de sempre voltar para Juiz de Fora.

A paixão pela música começou cedo. Seu tio fazia parte de um grupo musical da Igreja São Mateus, e alguns integrantes formaram uma banda para tocar em bailes e festas. Os ensaios aconteciam na casa da avó de Joãozinho. Aos 5 anos, o menino se encantou pela bateria. O talento, porém, desabrochava em sua juventude. Um dia, uma bonita moça vinha descendo a Rua Batista de Oliveira e, próxima ao prédio onde funcionava a antiga cadeia (hoje Conservatório Estadual de Música Haidée França-Americano), a moça desapareceu num lance de escadas. Joãozinho, interessado, a seguiu. Qual não foi a sua admiração ao constatar que ela havia entrado num salão de baile! Outra surpresa: o tio músico estava tocando na orquestra. Convidado a assumir a percussão, Joãozinho esqueceu a tal moça e não largou mais o ofício.

Joãozinho jamais estudou música em sala de aula. Sua escola foi a vida, a experiência, a convivência. Uma vez tentaram-lhe ensinar saxofone e piano – não deu certo. Mas a sintonia com a percussão era tanta que



passou, então, a dar aulas. Com sabedoria de mestre, pôde reconhecer as limitações e as possibilidades de seus vários alunos espalhados pelo país. Afirma que saber teoria é importante, porém o talento está no sangue. Mas com a humildade do verdadeiro artista, diz que continua a aprender todos os dias.

Muitos o cumprimentam na rua, no banco, na padaria. Joãozinho possui um temperamento acessível, gosta de conversar. Mas não leva desaforo para casa – com ele é oito ou oitenta, é tudo ou nada. Já sofreu preconceito, mas se deleita ao contar a mudança de comportamento daqueles que, após menosprezarem-no, descobrem o seu nome – ou melhor, o seu talento.

Edna, com quem divide a vida há quase 44 anos, não é companheira da boemia nem da fama. Prefere a segurança do lar, a tranquilidade anônima. Nas apresentações do marido, senta-se nas filas derradeiras e vai embora antes de terminar a última música. Por muito tempo, enquanto Joãozinho tocava nos bailes de carnaval, ela fazia retiros espirituais. Falando em religião, o ritmista adota o lema "se está feliz, continue". Vem de lar católico e acredita na fé como poder maior – sendo verdadeira, é válida – e que milagres podem acontecer.

Aos jovens músicos, Joãozinho recomenda uma única postura – honestidade. Para com o público, para os companheiros de profissão e, principalmente, para com a música. Gosto não se discute, mas, em sua opinião, os grandes do passado ainda são o melhor em termos de MÚSICA, com maiúsculas. Sem música, diz, não seria nada. Seria, talvez, um bom *maitre*, ou garçom, ou porteiro. Mas a percussão é que faz seus olhos brilharem – é o ar que respira. A profecia de sua mãe se cumpriu.

AOD



MEMÓRIA PROGRAMAS DE AUDITÓRIO

Nos anos 50, o rádio ainda era o mais popular meio de comunicação, e suas emissoras ofereciam aos ouvintes variado leque de atrações, como reportagens, radioteatro, orquestras, cantores. Embora a maior parte das produções fosse transmitida dos estúdios radiofônicos, os programas de auditório faziam grande sucesso, por oferecerem ao público a oportunidade de ver de perto seus artistas favoritos, que a maioria só conhecia por suas vozes.

“Quando cheguei em Juiz de Fora, em meados da década de 50, estávamos vivendo os Anos Dourados do rádio”, relembra o radialista Natálio Luz. Havia três emissoras na cidade: Rádio Industrial, PRB-3 e Tiradentes – que, mais tarde, tornou-se Rádio Difusora Minas Gerais.

Enquanto a Difusora utilizava seu pequeno auditório – com capacidade para cerca de cem pessoas – para entrevistar políticos em época de eleições, as demais transmitiam de seus espaços programas voltados para o entretenimento. “Tanto os programas da PRB-3 quanto os da Rádio Industrial eram muito animados. Os auditórios ficavam sempre lotados, com muita gente assistindo de pé”, descreve Natálio.

Com um elenco de talentosos animadores, composto por Cláudio Temponi, Walmik Campos, Paulo Emerich, Walter Monachesi e Mauro Luci, a Rádio Industrial utilizava seu auditório quase todos os dias da semana. Na PRB-3, os animadores eram Céu Azul Soares, José Romeu, José Carlos de Lery Guimarães e José de Barros.

Muitas vezes, quando Juiz de Fora recebia artistas de grande projeção, como Gregório Barrios ou Ângela Maria, os auditórios ficavam pequenos para abrigar a multidão de ouvintes. Nessas ocasiões, utilizava-se o Cine-Theatro Central para sediar os programas.

ENCONTRO DE SERTANEJOS

O animador José de Barros foi recordista na montagem desses eventos no Central, apresentando 15 edições do programa *Encontro de Sertanejos*. A primeira delas aconteceu no dia 3 de junho de 1972.

Entre as atrações, veio a dupla de meninos José e Durval – que viriam a ser Chitãozinho e Xororó. “Lembro-me de que eles foram os primeiros a se apresentar naquele dia”, recorda Barros. “Foram aplaudidos de pé quando cantaram *Galoupeira*. Depois ainda vieram no segundo, no terceiro e no quarto *Encontro*.”

Dono de uma memória invejável, José de Barros recorda-se de cada evento com riqueza de detalhes. Em setembro do mesmo ano, aconteceu a segunda edição. “Trouxemos a dupla Tonico e Tinoco, e foi sucesso absoluto”, relata. “Eles passaram mais tempo sendo aplaudidos do que cantando.”

Os encontros eram sempre aos domingos, às 10h, mas, em 1979, houve um fato curioso. “Naquele ano foram vendidos mais ingressos do que a capacidade do teatro. Como o contrato estabelecia que eu entregasse o local até às 12h30, comecei a anunciar um programa para às 7h da manhã, de forma que eu pudesse fazer dois consecutivos”, revela Barros. Assim, naquele ano houve dois espetáculos com as mesmas atrações, separados por meia hora de diferença. “Lotei a casa às 7h da manhã”, comemora.

Por dez anos, o *Encontro de Sertanejos* divertiu e emocionou o público no Central. Após 1982 – ano da última edição no local –, o evento passou a ser realizado no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas.

GP

ENTREVISTA MARCOS PIMENTEL

Com 63 prêmios no currículo, o cineasta Marcos Pimentel é um eterno curioso pelo ser humano. Agora ele lança seu olhar para o universo dos palcos e da dança, retratando as pressões e as angústias por trás das cortinas. *A arquitetura do corpo*, seu mais recente documentário, reafirma a paixão pelo formato.

Você é obcecado por algum tema na realização de seus curtas-metragens?

Sinto-me extremamente atraído pelo conceito de tempo. Tudo o que está relacionado a ele me fascina e, mesmo quando não é a questão principal do filme, sempre está presente – pairando sobre os personagens, os lugares, e me ajudando a construir a atmosfera da história. Filmo para tentar entender um pouco o significado deste conceito e o que ele provoca nas pessoas, na sociedade, no mundo.

Como é o seu processo de inspiração para novos temas e abordagens?

Não tenho uma fórmula. Cada documentário surge de um jeito diferente, que pode ser uma situação que presenciei na rua, algo que li nos jornais, imagens com as quais sonhei, conteúdos que chegaram aos meus ouvidos ou mesmo fabulações que andaram me visitando. Sempre tive uma curiosidade enorme pelo ser humano, pelo mundo. Foi movido por essa curiosidade imensa que acabei chegando ao documentário. Gosto de encontrar pessoas e lugares, de ouvir e contar histórias. O documentário foi a forma que encontrei para me relacionar com o mundo à minha volta.

Há queda gradativa de público nos cinemas. Como isto afeta o curta-metragem?

Para poder escolher o que quer assistir, o público tem que ter acesso aos filmes, às salas de cinema e a qualquer outra janela alternativa de exibição. Se o público deixa de frequentar – por questões financeiras, sociais

ou culturais –, perdem todos: os iniciantes, os independentes, os estabelecidos, os “ratos de mercado”, os de grande bilheteria. Com relação aos curtas, a perda é a falta de formação de público reduz a busca por este formato, porque são muito poucas as possibilidades de exibição nas salas de cinema. Se já não há público para isso, não há como perdê-lo.

Hoje, qualquer um pode pegar um celular e fazer um curta. O que acha disto?

Vivemos um momento muito especial, onde a cultura do documentário tem rompido barreiras e chegado a vários territórios antes restritos a outros gêneros ou formas de arte. É muito bom ver uma série de pessoas ter a oportunidade de narrar suas próprias histórias. Uma coisa que me preocupa muito é a banalização do processo de captação. Como as câmeras e as fitas estão cada vez mais baratas, mais pessoas saem por aí captando tudo o que veem pela frente. Acabam esquecendo que deve existir um realizador por trás de cada história. Captam horas e horas de material e, na montagem, veem que faltam planos fundamentais para que a história seja contada. Isso acontece porque elas investigam e pesquisam filmando, e só descobrem o filme que estão contando quando terminam de rodar. É curioso, porque é justamente neste momento que já terminaram de filmar que elas deveriam ter começado.

Quais são seus novos projetos?

Além de cuidar da circulação e distribuição de *A arquitetura do corpo*, estou preparando uma trilogia sobre a experiência urbana contemporânea. Três filmes que tentam entender um pouco a vida cotidiana nos centros urbanos nos dias de hoje. *Urbe* já está pronto e foi realizado com recursos da Lei Murilo Mendes de Incentivo à Cultura. Espero conseguir finalizar os outros dois filmes (*Pólis* e *Taba*) até o fim de 2009.



AGENDA

CINE-THEATRO CENTRAL
Praça João Pessoa, s/n.
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufjf.br

04.06, 19h *Daniel Godri*, Palestra
06.06, 21h *Amadação*
20.06, 21h *Boyakodah*,
Compagnie Georges Momboye
21.06, 20h *Putz Grill*, Oscar Filho
25.06, 21h *Joãozinho da*
Percussão, Projeto Sérgio Lessa
26.06, 19h *Tamo junto*,
Marco Luque
27.06, 20h *Abertura do 1º*
Festival Nacional de Dança
de Juiz de Fora, Funalfa
28.06, 15 às 17h e 18h às 20h
Festival Nacional de Dança,
Funalfa

FORUM DA CULTURA
Rua Santo Antônio, 1112
(32) 3215-3850
www.forumdacultura.ufjf.br
Terça a sexta: 14h às 20h30

MUSEU DE CULTURA POPULAR
02.06 a 26.06 Festa Junina

GALERIA DE ARTE
Ilustrações

TEATRO
Até 05.07, *A lira do encanto*,
espétaculo de José Luiz Ribeiro,
Grupo Divulgação,
sábados e domingos às 16h45
03.06 a 05.07, *Escola de trapaça*,
espétaculo de José Luiz Ribeiro,
Grupo Divulgação
Quarta a domingo, às 20h30

MAMM
MUSEU DE ARTE
MURILO MENDES
Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229 9070
www.mam.ufjf.br
Terça a sexta: 10h às 18h
Sábados e domingos: 13 às 18h

EXPOSIÇÕES
Grafite: canonização da
poética urbana
Galeria Retratos-relâmpago
O universo francês de Murilo
Mendes. Galeria Convergência
Nadar 35 Capucines
Galeria Poliedro

DIALOGOS ABERTOS
09.06, 20h *Joãozinho*
da Percussão
23.06, 20h *Vera Faria*

MUSICAMAMM
04.06, 20h *Performance Seiva*
Bruta, com Leticia Nabuco e
André Oliveira
18.06, 20h *A Zagaia*
25.06, 20h *Híbrida*

LEITURAS TEMÁTICAS
05.06, 19h Lançamento do livro
Olhos quase cegos, de Tonico
Mercador
26.06, 19h Lançamento do livro
Entreolhares, de Carlos Murad
26.06, 19h Lançamento do livro
Olhar sensível, instantes infinitos,
de Celso Guimarães



MAMM A POÉTICA DO GRAFITE

Tão antiga quanto a própria necessidade humana de retratar seu cotidiano no interior das cavernas, o grafite é a representação mais urbana e contemporânea desta arte. A exposição *Grafite: canonização da poética urbana* traz esta linguagem para a Galeria Retratos-relâmpago do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) e apresenta releituras de grandes obras das artes plásticas universais.

Das ruas ao espaço sacralizado dos museus. Nesta trajetória, o grafite experimentou desprezo e celebração. A exposição discute temas presentes em obras de diversas épocas e estilos e que também são matéria da arte das ruas – a guerra e a violência. Obras referenciais, como *Guernica*, de Pablo Picasso; os painéis *Guerra e Paz*, de Candido Portinari; *La guerre*, de Henri Rousseau; e *As I opened fire*, de Roy Lichtenstein, são revisitadas pela estética do grafite pelas mãos de Lúcio Rodrigues, Thiago Campos e André Castanheira.

Com uma vocação inconteste para as ruas, o termo provém do italiano *graffito* ou *sgraffito* (arranhado, rabiscado) e foi incorporado ao idioma inglês em sua forma plural, *graffiti*. O movimento que promovia as inscrições em muros e paredes das grandes cidades ganhou destaque a partir da década de 1970, em Nova York. Nesta época, as mensagens poéticas deixadas por Jean-Michel Basquiat em toda sorte de construção chamaram atenção para uma renovada e polêmica expressão artística.

Os trabalhos de grafite foram feitos sobre a parede da galeria, com exceção das representações de Lichtenstein, realizadas sobre trainéis. Os artistas levaram oito dias na confecção das pinturas e, além da tinta em spray, utilizaram rolos para criar efeitos no desenho final. Lúcio Rodrigues, que há dez anos encontrou no grafite um complemento para sua pintura, é responsável pelo trabalho com *La guerre*, de Rousseau, e *Guernica*, de Picasso. Para o artista, a passagem desta linguagem artística para o interior de uma instituição, o museu, contribui para maior aceitação do grafite como arte.

Essa é também a opinião de Thiago Campos, arquiteto e parceiro de Lúcio em outros projetos, que credita à mostra maior visibilidade ao estilo ao qual se dedica desde os 15 anos. Para André Castanheira, convidado a participar da confecção dos painéis, as paredes de vidro da galeria contribuíram para valorizar o trabalho, que obtém tanta visibilidade quanto o grafite originalmente feito em muros.

A efemeridade do grafite, sujeito às intempéries e às constantes mudanças do ambiente urbano, tem sua presença já naturalizada nas cidades. Sua linguagem característica foi, por muito tempo, associada ao vandalismo – e descartada sua qualidade artística e seu poder de conscientização. Embora hoje seja mais aceito, “expor o grafite como uma obra de arte ameniza a marginalização e familiariza as novas gerações com o estilo”, afirma Lúcio.

MF

CENTRAL 80 ANOS A MAGIA DO GIRAMUNDO

Os pés balançavam incessantemente, sentindo que não contrariariam o chão, e as expressões de espanto, alegria e curiosidade revelavam em cada face um sentimento diferente. A maioria do público do Cine-Theatro Central, nas apresentações do grupo teatral Giramundo, era de crianças ávidas pela magia do teatro de bonecos. Os espetáculos *Giz* e *A bela adormecida*, apresentados em 22 e 23 de maio com entrada franca, integraram as comemorações dos 80 anos do Central.

Em *Giz*, as criaturas surpreenderam a plateia atenta. Não eram humanos, tampouco animais – os bonecos de *Giz* são quase todos maiores que os seus manipuladores e apresentam traços caricaturais e exagerados. Cada pequena história forma uma única narrativa, que, ao final, elege o abandono e a constante procura por atenção como temas. Ao contrário de outros espetáculos do grupo fundado em 1970, em *Giz* os marionetistas estão à vista do público e interagem com seus bonecos, o que, na visão da diretora artística do grupo, Beatriz Apocalypse, é uma excelente mistura. “É uma forma de trabalhar a expressão do marionetista-ator com seu próprio boneco. O manipulador sai de trás do seu boneco e passa a compartilhar do sentimento dele.”

Na manhã seguinte, o Giramundo voltou a se apresentar, desta vez na praça em frente ao teatro. Primeira peça criada pelo grupo há quase 40 anos, *A bela adormecida* encantou. O chamado teatro de rua é, segundo Beatriz, uma forma de estar mais perto do público. “Sempre nos preocupamos em ter um repertório de rua, para apresentar ao ar livre, apesar de o ambiente ser um pouco mais disperso.” A plateia se sentiu à vontade para se sentar até no chão e apreciar a história que há muito tempo contagia gerações: em um reino amaldiçoado por

uma bruxa má, dorme uma linda princesa à espera do príncipe encantado.

Os clássicos do Giramundo dividem a produção do grupo com as inovações tecnológicas, geradas pela pesquisa e atualização constantes do grupo. O Giramundo, porém, não tem a intenção de perder a essência que, por quatro décadas, norteou os trabalhos do grupo. “Nós conservamos e queremos conservar o jeito rústico de construir um boneco manualmente e de manipulá-lo em tempo real”, conclui a diretora.

GA



EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA Reitor Henrique Duque de Miranda Chaves Filho Vice-reitor José Luiz Rezende Pereira Pró-reitor de Cultura José Alberto Pinho Neves CINE-THEATRO CENTRAL Conselho André Gerheim, Eduardo Sérgio Leão de Souza, Hélio Antônio da Silva, José Alberto Pinho Neves, Marcelo do Carmo Rodrigues, Paulo Dimas de Castro, Sérgio Eduardo Evangelista dos Santos Supervisor administrativo Marcelo do Carmo Rodrigues

PALCO, órgão informativo do Cine-Theatro Central. Jornalista responsável Nelma Frões Edição Izaura Rocha Diagramação Lígia Lacerda Bolsistas Arthur Ovidio (AOD), Gabriel Miranda (GA), Gabriella Praça (GP), Mariana Franzini (MF) Fotógrafo Alexandre Dornelas Colaboração Carlos Pernisa Júnior Revisão Darlan Lula, Maria Auxiliadora Borém www.theatrocentral.ufjf.br (32) 3215-1400.